

Diálogo do Belo e o Falso

No diálogo Hípias Maior (ou Do Belo), a Edipro começa com uma nota de rodapé que diz

1. *καλός (kalós), que traduzimos no próprio título alternativo deste diálogo como belo, é um adjetivo de tal riqueza conceitual que se torna, a rigor, intraduzível para o português. Kalós exprime tanto a beleza física quanto a beleza moral, podendo ser traduzido, circunstancial, isolada ou conjuntamente por belo, elegante, apto, perfeito, excelente, nobre, admirável, honesto, honrado, ou outros adjetivos que denotem precisamente qualidades físicas ou morais humanas. O inglês fine dá conta de boa parte da carga conceitual de kálos.*

Temos aqui um problema que precisa ser resolvido pois vai além de um problema de tradução ou de “visão do tradutor”, trata-se de um problema em duas etapas: a) compreensão do que são propriamente os vocábulos; b) a degradação do idioma por meio da má aplicação da palavra.

O que são vocábulos

De acordo com o dicionário Houaiss, vocábulo é palavra, que por sua vez é 1. *unidade da língua, constituída de um ou mais fonemas, que se transcreve graficamente entre dois espaços em branco* e 2. *pode ser manifesta escrita ou verbal*. Ou seja, toda unidade da língua portuguesa (para tratarmos do nosso caso) escrita ou falada. É necessário entender aqui que o fonema só existe no campo abstrato¹, pois quando passa ao plano oral torna-se *fone*, e quando ao campo escrito, *letra*. Esse aspecto gramatical de nossa língua precisa ser compreendido para fazer cessar a degradação vocabular que grassa em nosso País. Muito mais importa corrigir o rumo da linguagem falada que o das regras gramaticais. Aquele relaciona-se com a própria identidade pátria, este, lida com a técnica artística do idioma.

Existindo puramente no campo abstrato, compreender os fonemas é vital para não discorrer em fala (fone) e escrita (letra) perniciosa, e é justamente aqui que se encontra o cerne da observação equivocada da nota de rodapé da Edipro: *kólos* em grego e *fine* em inglês não tem significado mais abrangente que *belo* em português. Essa compreensão errônea em detrimento do vocábulo português pode ser verificada com uma consulta rápida ao dicionário, onde se lê

Belo 1. *Que tem formas e proporções harmônicas* 2. *Que causa admiração* 3. *Vantajoso, lucrativo* 4. *De elevado valor moral* 5. *Notável pela quantidade, pelo número* 6. *beleza*

E no dicionário de sinônimos

Belo: bonito, lindo, atraente, encantador, formoso, airoso, elegante, esbelto, garboso, galante, bem-apessoado, apessoado, apolíneo, donairoso, harmonioso, gracioso, jeitoso, venusto, perfeito, bem-feito, bem-acabado, bem-proporcionado, catita, caprichado.

Degradação do idioma

Percebe-se que defeituoso não é o vocábulo, mas o fonador! Quem fala, no Brasil, “belo” não fala “apolíneo”, “encantador”, “esbelto”, “harmonioso”... no Brasil, “belo” é nome de cantor de pagode, e se precedido do número sete é nome de confeito. A plenitude vocabular do grego

¹ BECHARA. E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2019. *Fonética e fonologia*.

não está na escrita (letra), nem na fala (fone) mas na imaginação, a zona na qual se dá o exercício abstrato (fonema). É por isso que aqui na Escola, antes de entrar na Filosofia Grega nós visitamos a Imaginação Grega -- ou sua Cosmovisão --, exercício feito na leitura da tragédia, comédia e drama, onde podemos entender o que um cidadão de Tebas pensa (fonema) quando diz (fone) “justiça”:

*Não por outro motivo, eu mesmo o enfrentarei.
Quem o faria com maior justiça? Arconte
contrário a arconte, irmão avesso a irmão, rival
contra rival. As grevas peço que me tragas,
pois me protegerão das flechas e das pedras.²*

Ao ser informado que seu irmão Polinices está à porta de Tebas pronto a derrubá-la, Etéocles ao invés de destacar um general para lhe fazer frente, nomeia a si para o enfrentamento pois apenas essa escolha poderia fazer justiça: “arconte contrário a arconte, irmão avesso a irmão, rival contra rival”. Essa decisão é perfeita uma vez que justiça significa dar a cada um aquilo que lhe é devido (Mt 17:24:27). Em nossa sociedade, quando um brasileiro fala em justiça, não fala daquilo que é devido, mas daquilo que se consegue obter. Assim, quando um ex-funcionário ingressa na Justiça *do Trabalho*, busca arrancar da empresa contra a qual move processo, a maior quantia possível; da mesma forma se dá com a Justiça *Desportiva*, Justiça *Eleitoral*, Justiça *Militar*...

O belo Hípias

No Diálogo *Do Belo*, Platão dispõe Sócrates diante do renomado Hípias em uma dialética entre a Humildade e a Soberba, *Sophós* (*adjetivo*, sábio, inteligente, prudente) e *Sophistés* (*genitivo depreciativo*, quem faz da sabedoria ferramenta de profissão objetivando lucro), e traz a discussão acerca do significado da palavra “belo” como gancho para Sócrates, o irônico excelente, tripudiar com maestria diante do autodeclarado multidisciplinar Hípias, que viaja por todo o mundo grego arrancando vultuosas somas de dinheiro público das mãos de governantes idiotas que não sabem discernir entre um picareta e um valoroso.

Logo na abertura do diálogo, quando as personagens se encontram, Hípias se diz muito ocupado “visto que toda vez que Elis precisa realizar qualquer transação com qualquer Estado, sempre me procura antes dos outros cidadãos e me escolhe”, ao que Sócrates (sabedor de com quem trata) responde “...é capaz de servir teu próprio Estado, como convém a um homem que não espera ser alvo do desprezo das pessoas comuns, mas de sua admiração”.

Sócrates galhofa por todo o diálogo, e o faz com tal domínio da linguagem que o alvo dos insultos não consegue perceber por nenhum momento que está sendo caçoado. Na expressão acima, o filósofo ataca vorazmente da pior forma possível o que é a raiz própria da pessoa de Hípias, afirmando que ele “não espera ser alvo do desprezo das pessoas comuns”. Ora, ser desprezado pelos comuns deve ser o desejo de todo grande homem (!), cabendo apenas aos mediocres o prazer da aprovação popular (Is 53:3). E nessa crítica a Hípias, encontramos uma crítica à produção filosófica brasileira moderna, que atua unicamente no campo da *sophistés*, sendo exercida toda ela não por *sophós* mas por *sofistas*. Homens como Cortella, Pondé e Karnal, que são capazes de encher um auditório para anunciar baboseiras como

² ÉSQUILO. *Sete contra Tebas*. Editora 34. V. 672-676

*Os chineses dizem pra gente arrogante
quando a partida de xadrez termina
o peão e o rei vão pra mesma caixinha*

*Quando o jogo de xadrez acaba
independentemente do resultado
os dois são guardados numa caixinha*

*Por isso, de nada adianta essa arrogância que alguns tem
de imaginar que “só porque eu sou assim, eu sou o mais”
não, eu sou diferente, não preciso ser mais.*

*Gente arrogante não suporta que haja outra pessoa
que possam à ela fazer sombra.*

Mário Sérgio Cortella

Ou ainda

*Sem hipocrisia não há civilização, e isso é a prova de que somos desgraçados:
precisamos da falta de caráter como cimento da vida coletiva.*

Pondé

E essa *sophisticália* toda atesta sua superioridade intelectual pelo mesmo argumento com que Hípias se apresenta diante de Sócrates “se soubesses quanto dinheiro eu ganhei, ficaria pasmo. Acho que realmente eu ganhei mais dinheiro que quaisquer outros dois sofistas juntos”. Sim! Sem dúvida alguma um Pondé ganhou mais dinheiro em sua última década de palestras e *talk shows* do que o Matias Aires e o Capistrano de Abreu ganharam em toda a vida³. Porém ganhar dinheiro de trouxas é tarefa que só pode ser executada por canalhas espertinhos que, “em um país que vive na quarta camada, qualquer um que chegue à sexta camada trata imediatamente de roubar o dinheiro de quem está na quarta”⁴.

O belo

A dialética objetivo do diálogo escrito por Platão é por fim infrutífera se considerada como meta final o alcance da compreensão do significado do termo “belo”. É impossível conversar com Hípias justamente porque ele não domina um idioma sequer, sendo assim inapto para alcançar a verdade quanto ao significado de qualquer termo (daí termos começado essa aula como começamos: tratando de questões gramaticais). Por todo o diálogo, o sofista dá inúmeros exemplos do belo sem jamais conseguir entender o porquê de seus próprios exemplos serem belos, comunicando-se unicamente por meio de exemplos sem jamais conseguir captar a essência da beleza.

³ Matias Aires, filósofo paulista autor de obras em francês e latim, tradutor famoso por seu trabalho em obras latinas, Aires foi Cavaleiro da Ordem de Cristo e morreu em 1768, aos 63 anos. Capistrano de Abreu foi um historiador cearense, autodidata estudou alemão sozinho com o objetivo de aprender a ler no idioma para ter acesso à fonte primária de textos inéditos no Brasil. Convidado para a Academia Brasileira de Letras, recusou tomar posse, tornando-se patrono, por conseguinte, da cadeira nº 15 da Academia Cearense de Letras. Morreu em 1927, aos 73 anos deixando ao Brasil uma grande obra etna historiográfica rejeitada pela Academia por sua visão “demasiadamente europeia”.

⁴ Essa expressão é do professor Olavo de Carvalho, que na aula “As 12 camadas da personalidade” destaca a triste realidade brasileira, em que a massa dos estudantes não almeja alcançar a morada celestial (12ª camada, Eu diante de Deus), mas chegando à sexta (Conquista de Habilidades) aprende e se ocupa unicamente de sorver o dinheiro de quem está na quarta (Afeto interior).

Platão deixa, porém, pistas satisfatórias para que o leitor, esse não um sofista, mas um filósofo, entenda que é impossível dar beleza a algo sendo belo, pois aquele que é belo o é por ter em si beleza, ou seja, ele também tem algo que lhe é externo e é esse algo que se deseja entender o que é, em *Hípias Maior*. Alcançado na Escolástica, esse algo é encontrado quando Aristóteles traz a nós a concepção de Ato e Potência, ou seja, o belo é aquilo que não tem capacidade de beleza, mas é em si mesmo a própria Beleza, Deus.

Fernando Melo
Brasília, 20 de novembro de 2021